
Será sempre paixão

Podia apenas ser um desengano de um coração que não amava.
Ou amava;
Amava elementos serenos de frutos da felicidade.

Ele tinha uns 182 capítulos milagrosos, era a minha fonte de imagens.
Queria saber quem era a tal negra que ele era, os cantos agudos guerreiros que dava.
Ele me convertia, como um evangelista.

Foi promessa de salvação.
Salve, salve, o meu seio, o meu leite, a minha má alimentação; tudo se embolava com ele.
Régio, sempre dama, sempre leão protetor.

Me entristeceu sim, a descida do amor à amizade.
Mas vestimos máscaras de lama rubra, e nascemos pro pôr do sol, devorando nossos medos juntos.
Soube e soube.

Com seu leque em mãos, subimos ao céu sem limites, sem degraus, voamos unidos pela claridade, ornados de fitas e lenda e fogo.
Meu ar, meu arabesco! tenho sofrido, conduzido por tecelãs lutadoras.
Batizado pela dor, ele me ajudou a pecar menos, pois me fez esqueleto.

Só lutei, só lutamos, fecundamos a nossa lei.
Somos jovens russas, fraternas, de lenços pretos em meio ao frio.
Martelo e bigorna, os dois.
O beijo do abuso, a paz das andorinhas, os abraços encarreirados.

Chamas, e lanças e força e olhos e bocas e cor.
Na morte da lua, ele diamante, eu pérola.
Fonte fusa e de duração secular, derrotamos a brutalidade com nosso meneio dos corpos,
nossas danças no mar, nossas pernas grandes, rodopios e lira ao sereno.

Na parede, os dois espelhos, uns vultos de sereias, a primeira ordem. O sopro.
E na luxúria que invadia nossos corações, porco e bode, feminino sob as trevas.
Fizemos o nosso ritual: deus da paz, pomba-gira, arma e ferramenta.
Encruzilhada vestida de rosas brancas, metais, outono e melancolia.

Somos monstros?
Sentimos prazer?
Se nos passaram óleos de odor parecido, fomos unguentos e nada mais; assim, no fim,
seremos salvos, por elementos de pó e santificação.
Eis a roca da vida, que nos guiou, que nos sentiu, emocionou, revelou e uniu.

Eis a barbárie dos segredos, dos traumas e ventres colados, de pernas ensangüentadas, de órgãos abusados.

Pureza e dignidade, pelos árias do bem-mal.

Venham sátiros, venham elfos, venham fadas consumir nosso sonho, nos tornar oceano, decorar nossa pele com a filosofia inimiga, com as riquezas de espírito.

E nos enrolaremos, cabeça e colo.

E pelos galhos da oliveira tentaremos um beijo sórdido, de amor parental.

E seremos tentáculos. E seremos pontos cardeais. E seremos constelações.

E no canto do passarinho, e na bananeira desfolhada, veremos um a face do outro.

E definharemos.

E com os falos nas mãos, trocaremos de pele, tocaremos nossas carnes, devoraremos um ao outro, em sinal de respeito e idolatria.

E na cadência que ninguém tem e encontra, estaremos perdidos no sangue da lâmina.

Pelo dilúvio causado, as belezas serão deixadas.

No infinito: imperador e imperatriz nos peitos encostados.

Fiéis! catástrofe anunciada. Seguimos ambivalentes.

Soberanos, pagãos e santos.

Ramo de funcho nas orelhas, caídos no chão, o ar cintilando de verde, a lua morta, o sol esguio, as nuvens tortas.

Foi, era, é, e será sempre paixão.

Felipe Freitag